



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO – EDUCAÇÃO ESPECIAL: ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO**

ARTIGO MONOGRÁFICO

**A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO PARA MANTER A
ATENÇÃO DOS ALUNOS COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO EM SALA DE AULA.**

ELIANDRA SCAPIN CARGNIN PEGORARO

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

Santa Maria, RS, Brasil

2008

**A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO PARA MANTER A
ATENÇÃO DOS ALUNOS COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO EM SALA DE AULA.**

por

ELIANDRA SCAPIN CARGNIN PEGORARO

**Artigo apresentado no curso de Curso de Especialização em Educação
Especial: Altas Habilidades/Superdotação do Centro de Educação
da Universidade Federal de Santa Maria como requisito
parcial para obtenção do grau de Especialista em
Altas Habilidades/Superdotação.**

Orientadora: Larice Maria Bonato Germani

Santa Maria, RS, Brasil

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
ESPECIALIZAÇÃO NA ÁREA DAS ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

**A comissão Examinadora, abaixo assinada, aprovada o Artigo Monográfico
de Especialização**

A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO PARA MANTER A
ATENÇÃO DOS ALUNOS COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO EM SALA DE AULA.

elaborado por

ELIANDRA SCAPIN CARGNIN PEGORARO
como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Altas
Habilidades/Superdotação
COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a Ms. Larice Maria Bonato Germani
(Presidente/orientador)

Prof^a Ms. Mara Regina Nieckel da Costa

Prof^a Dr. Soraia Napoleão Freitas

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO**

RESUMO

Artigo de Especialização

Curso de Pós-Graduação em Educação Especial

Especialização na área das Altas Habilidades/Superdotação

Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

**A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO PARA MANTER A
ATENÇÃO DOS ALUNOS COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO EM SALA DE AULA.**

Autora: Eliandra Scapin Cargin Pegoraro

Orientadora: Larice Maria Bonato Germani

Santa Maria

Este trabalho refere-se à importância de motivar alunos com altas habilidades/superdotação, para que esses mantenham sua atenção em sala de aula e tenham uma aprendizagem satisfatória. Com essa proposta, observa-se que a motivação é a chave para a satisfação do aluno, pois ao sentir-se motivado terá prazer em aprender e também a contribuir com seus conhecimentos. A motivação estimula alunos com altas habilidades/superdotação a buscarem o pleno desenvolvimento de suas potencialidades e levarem suas dúvidas e medos a serem desvendados em sala de aula. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva apresentar aspectos sobre a demonstração da motivação desses alunos a partir da iniciativa dos professores em usar novos métodos didáticos para manter a atenção dos alunos e assim mostrar que sala de aula é o lugar de aprender e ensinar, ou seja, o lugar onde há trocas de conhecimentos. A realização desse trabalho se fez por meio de uma pesquisa bibliográfica qualitativa com o intuito de contribuir com essa questão.

Palavras-chaves: altas habilidades/superdotação, motivação; atenção; aprendizagem.

**FEDERAL UNIVERSITY OF SANTA MARIA
EDUCATION CENTER**

ABSTRACT

Article of Specialization

Course Post Graduation in Special Education

Specialization in the area of the High Abilities/Superendowment

Federal University of Santa Maria, RS, Brazil

**THE IMPORTANCE OF THE MOTIVATION TO KEEP THE
ATTENTION OF THE PUPILS WITH HIGH ABILITIES/
SUPERENDOWMENT IN CLASSROOM.**

Author: Eliandra Scapin Cargnin

Guiding Pedagogical: Larice Maria Bonato Germani

Santa Maria

This work mentions the importance to it to motivate pupils with high abilities/superendowment, so that these keep its attention in classroom and have a satisfactory learning. With this proposal, it is observed that the motivation is the key for the satisfaction of the pupil, therefore when motivated feeling itself it will have pleasure in learning and also to contribute with its knowledge. The motivation stimulates pupils with high abilities/superendowment to search the full development of its potentialities and to take its doubts and fears to be unmasked in classroom. In this direction, the present objective work to present aspects on the demonstration of the motivation of these pupils from the initiative of the professors in using new didactic methods to keep the attention of the pupils and thus to show that classroom is the place to learn and to teach, that is, the place where it has exchanges of knowledge. The accomplishment of this work if made by means of a qualitative bibliographical research with intention to contribute with this question.

Key words: high abilities/superendowment, motivation; attention; learning.

1. APRESENTAÇÃO

O processo ensino e aprendizagem nas escolas, hoje, desenvolvem-se de diversas maneiras, no entanto, sabe-se que é uma tarefa árdua, pois cada vez mais a escola disputa espaço com várias outras atividades extras que o aluno desenvolve em seu cotidiano. Na sala de aula esse processo acontece entre professor/aluno, desencadeando assim o conhecimento adequado por ambas as partes, quando esses se sentem motivados a ensinar e aprender.

Os motivos constituem o aspecto dinâmico do processo educacional e representam um dos pré-requisitos mais importantes da aprendizagem na escola. Como grande parte das dificuldades da escola tem sua origem no problema da motivação, isto é, na tarefa de identificar os interesses e necessidades dos alunos, na consideração das diferenças individuais, nas organizações das atividades extracurriculares e nos problemas de aprendizagem, a compreensão e o uso adequado da motivação resultarão em interesse, concentração e atividade eficiente e produtiva do aluno. Portanto, sentindo-se motivado manterá sua atenção no que está sendo proposto.

Para Antunes (1999), a atenção do ponto de vista cerebral, é uma das funções mais importantes do ser humano o qual mais se valoriza no aluno. O autor diz ainda, que sua falta costuma ser apresentada como a raiz da maior parte dos problemas de aprendizagem. Porém, nem sempre o que ocorre é a falta de atenção, e sim, seus desvios. O autor elege alguns exemplos, as crianças não prestam atenção às lições, no entanto, a assuntos de seus interesses como o videogame ou em questões relacionadas aos adultos. Segundo ele, nesses casos, percebe-se que o interesse está voltado para temas mais motivadores aos que estão sendo propostos a eles, uma vez que hoje existem muitas alternativas fora das escolas, por exemplo, internet, jogos, etc.

Pode-se então dizer que a motivação é que estimula a atenção e conseqüentemente proporciona o ensino e aprendizagem. Segundo Kuethe (1978), a motivação está voltada para atividades dirigidas, ou seja, uma pessoa é motivada para alguma coisa, como para o estudo, para o trabalho, enfim a motivação dá-se por meio do comportamento. O autor coloca que quando uma pessoa é motivada para alcançar uma meta, haverá um movimento em direção a essa meta, a qual revelará por palavras ou atos que deseja alcançá-la.

Para Kuethe, “motivar o indivíduo é aumentar a sua necessidade de alcançar uma meta, pois a meta é o incentivo da conduta motivada, e a necessidade específica é o motivo dessa conduta” (1978, p. 118). Conforme o autor, o indivíduo tem que se sentir motivado para obter

um bom desempenho em suas atividades e assim se manter estimulado a aprender mais e desenvolver suas habilidades.

Nesse sentido, isso se confirma na seguinte passagem:

Às vezes a motivação dos estudantes é reduzida porque estão descontentes com o seu progresso. Quando o esforço não resulta em nenhuma melhora, os estudantes, sobretudo os mais jovens, aceitam rapidamente a derrota e cessam de fazer qualquer esforço. Uma das causas desse sentimento de “não fazer progresso” é o fato de que o desempenho durante a aprendizagem não melhora num ritmo constante. Os “patamares” são comuns na aprendizagem de uma habilidade. Uma explicação possível seria que um progresso de integração está atuando durante esses períodos e as habilidades de ordem inferior se estão organizando em habilidades de ordem superior. [...] o professor deve compreender que esse é um aspecto natural da aprendizagem e encorajar o estudante que alcançou um patamar a prosseguir nos seus esforços. (KUETHE, 1978, p.148)

Em função disso, cabe ao professor um olhar atento no aluno/estudante, para que assim se possa construir junto dele a confiança em si próprio, estabelecendo-se a reciprocidade entre a aprendizagem e satisfação do aluno.

Sendo assim, a presente pesquisa justifica-se pelas necessidades que a escola tem de reconhecer a diversidade no ensino e aprendizagem, que envolve várias questões, as quais são motivo de preocupação em muitas experiências profissionais. Assim tem-se como questão de pesquisa: como motivar o aluno com altas habilidades/superdotação para manter a sua atenção em sala de aula e fazê-lo achar interessante o que está sendo proposto? Deve-se dizer que atenção, motivação e aprendizagem são temas bastante relevantes na vida escolar de uma criança.

Considerando essas questões, a pesquisa objetiva identificar os fatores que contribuem para incentivar o aluno com altas habilidades/ superdotação a partir da atenção e interesse na sala de aula, bem como no sentido de contribuir com novas adequações metodológicas que atendam as necessidades desses alunos.

Para tanto, este estudo será realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica, analisando teorias sobre motivação, atenção, ensino e aprendizagem de alunos com altas habilidades/superdotação por meio de autores como Gardner, Renzulli, Antunes, Kuethe, entre outros.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Aspectos Históricos do Atendimento das Altas Habilidades/Superdotação

Embora os estudos sobre as altas habilidades/superdotação datam desde a Antiguidade, no Brasil, o atendimento começou na década de vinte com a professora Helena Antipoff que recebia grupos dos então chamados bem-dotados, oriundos dos colégios da Zona Sul do Rio de Janeiro, em uma fazenda onde desenvolvia atividades multidisciplinares durante as férias escolares (ABSD, 2000).

Logo foram se instituindo novas organizações, como em 1967, o MEC criou uma Comissão encarregada de estabelecer critérios para a identificação e atendimento do superdotado. Em 1971, aconteceu um seminário sobre o tema que reuniu especialistas de todo o País para aprofundar as discussões. Assim, o Centro Nacional de Educação Especial começou traçar e apontar alternativas de ações educativas que pudessem favorecer a expansão e o aprimoramento dos serviços prestados aos superdotados (ABSD, 2000).

Então, o direito dos superdotados a um atendimento adequado fundamentava-se no princípio de que todos os indivíduos devem ter oportunidades de desenvolver ao máximo suas potencialidades.

Por volta da década de oitenta, o Conselho Federal de Educação nomeou uma Comissão Especial propondo subsídios que permitissem aos Conselhos Estaduais o incentivo a ações de atendimento aos portadores de altas habilidades/superdotação e/ou talentoso. Com essa medida, o Rio Grande do Sul foi o pioneiro ao garantir em sua Constituição Estadual, em 1989, o direito a programas governamentais de atendimento integral às pessoas portadoras de altas habilidades/superdotação e/ou talentosas (ABSD, 2000).

Após isso a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96) de novembro de 1996 reconhece o portador de altas habilidades/superdotação e talentoso. No Capítulo V, Artigo 58 define Educação Especial como a modalidade de educação oferecida preferencialmente na rede regular de ensino. No Artigo 59, assegura aos alunos portadores de altas habilidades:

- I - Currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica às suas necessidades;
- II - [...] aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;
- III - professores com qualificação para um atendimento especializado;
- IV - acesso ao trabalho mediante a articulação com os órgãos oficiais para os que apresentam habilidades superior nas áreas artísticas, intelectual ou psicomotora; e
- V – acesso igualitário aos programas sócias suplementares disponíveis para o respectivo nível de ensino regular.

Em relação às Políticas Públicas que amparam as necessidades especiais dos alunos com altas habilidades/superdotação, destacamos o Estado do Rio Grande do Sul como o pioneiro em implantar em 2005 a Política Pública Educacional para os Alunos com Altas Habilidades/Superdotação no Estado do Rio Grande do Sul e, posteriormente em 2006/ 2007 ocorreu a implementação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva MEC/SEESP.

Em relação às Políticas Públicas de atendimento as altas habilidades/superdotação é fundamental que continue havendo avanços para que as escolas possam estar cada vez mais preparadas quanto as necessidades especiais desses alunos.

2.2. Conceito de Inteligência

Antes de conceituarmos altas habilidades/superdotação faz-se necessário, inicialmente, evidenciarmos qual o conceito de inteligência a ser utilizado. Sendo assim, esse estudo será fundamentado no conceito de Inteligências Múltiplas de Gardner.

Para Gardner (1998), inteligência não apresenta um conceito único, pois varia de uma cultura para outra ou até entre culturas. Segundo o autor, alguns peritos em inteligência nos Estados Unidos a associam aos comportamentos acadêmicos, como capacidades verbais, soluções de problemas, interesses pela aprendizagem. Outros tendem a vincular o funcionamento intelectual às interações, às práticas e aos valores sociais. Portanto, Gardner (1998) concluiu que valores e crenças moldam as diferentes visões. Ao desenvolver sua teoria das Inteligências Múltiplas propôs um desafio à visão clássica da inteligência até então estudada.

Para Gardner, (1998, p. 214). “A visão clássica afirma que a inteligência é uma capacidade unitária de raciocínio lógico do tipo exemplificado pelos matemáticos, cientistas e lógicos.” Em sua teoria, defende várias inteligências relativamente autônomas e define:

[...] inteligência como a capacidade de resolver problemas ou criar produtos que são importantes num determinado ambiente cultural ou comunidade... apenas como construtos científicos potencialmente úteis. Uma inteligência é o termo para organizar e descrever capacidades humanas, e não uma referência a um produto que existe dentro da cabeça. Uma inteligência não é uma coisa, e sim... um potencial, a presença do qual permite a um indivíduo ter acesso a formas de pensamento apropriadas a tipos específicos de conteúdo. (GARDNER, p.215/217)

Para melhor expor suas idéias, o autor propõe oito inteligências, que são fundamentadas e necessárias para explicar como os seres humanos assumem papéis tão

diversos, pois indivíduos com altas habilidades/superdotação não formam um grupo homogêneo, variando tanto em suas habilidades cognitivas, como em termos de atributos de personalidade e nível de desempenho. Ainda, alguns podem apresentar competência em várias áreas do saber, assim como se destacar em apenas uma.

As oito inteligências de Gardner (1998) são definidas como:

A Inteligência Lingüística, que para ele, é a competência humana mais exaustiva estudada, a qual desenvolve capacidade para fala, como inclui os mecanismos dedicados à fonologia (sons da fala), sintaxe (gramática), semântica (significados) e pragmática (implicações e usos da linguagem em vários ambientes). Essa inteligência é exibida com maior intensidade por poetas, jornalistas, publicitários, advogados e professores de português.

A Inteligência Musical permite às pessoas criar, comunicar e compreender significados compostos por sons incluindo informações como tom, ritmo e timbre (qualidade de som). Essa capacidade se manifesta em compositores, maestros e instrumentistas.

A Inteligência Lógico-Matemática envolve usar e avaliar relações abstratas, ou seja, na exploração e ordenamento de objetos. Essa inteligência é encontrada em matemáticos, programadores de computador, analistas financeiros, contadores, engenheiros e cientistas.

A Inteligência Espacial refere-se à capacidade de perceber informações visuais ou espaciais, de transformar e modificar essas informações, e de recriar imagens visuais mesmo sem referências a um estímulo físico original. É importante ressaltar que mesmo deficientes visuais podem desenvolvê-la. Essa inteligência pode ser encontrada entre os geógrafos, cirurgiões, navegadores e jogadores de xadrez.

A Inteligência Corporal-Cinestésica envolve o uso de todo o corpo ou de partes do corpo para resolver problemas ou criar produtos. É capacidade também dessa inteligência o controle sobre as ações motoras amplas e finas e a capacidade de manipular objetos externos. É freqüentemente observada em coreógrafos, dançarinos, alpinistas, malabaristas, ginastas e outros atletas.

A Inteligência Intrapessoal depende de processos centrais que permitem às pessoas diferenciar os próprios sentimentos. Os indivíduos com essa inteligência têm capacidade de discriminações entre os próprios sentimentos, intenções e motivações que trazem um profundo autoconhecimento e constroem um modelo acurado de si mesmos e utilizem esse modelo para tomar boas decisões em suas vidas.

A Inteligência Interpessoal emprega capacidades centrais para reconhecer e fazer distinções entre os sentimentos, as crenças e as intenções dos outros. Essa inteligência em sua forma mais desenvolvida se manifesta na capacidade de compreender os sentimentos e atitudes

dos outros, agir em função deles e moldá-los, para o bem ou para o mal. Essa capacidade se manifesta em terapeutas, pais e professores dedicados.

A inteligência naturalista, (GARDNER 1986 apud GERMANI 2006), envolve o conhecimento do mundo vivo, essa inteligência é observada em naturalistas, que demonstram grande experiência no reconhecimento e na classificação de numerosas espécies – flora e fauna – de seu meio ambiente, apresentam capacidade para reconhecer a existência de outras espécies próximas e também, mapear as relações entre as várias espécies.

Um sujeito que apresenta altas habilidades/superdotação não significa que terá um alto potencial em todas as inteligências. De acordo com a teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner, essas são independentes, podendo o indivíduo desenvolver uma ou mais, por exemplo, um matemático desenvolve a inteligência lógico-matemática, entretanto, ele precisa também desenvolver a interpessoal para relacionar-se com colegas e alunos numa universidade. Deve-se considerar ainda, que os sujeitos diferem entre si por razões genéticas e culturais nas distintas inteligências, definindo-se aqui a importância da escola em dar um atendimento diversificado aos sujeitos com altas habilidades/superdotação, oportunizando-lhes o desenvolvimento de seus potenciais.

2.3 Conceito das Altas Habilidades/Superdotação

Entre estudos realizados sobre altas habilidades/superdotação, vem sendo reconhecida a concepção definida por Renzulli, cujas contribuições teóricas se aliam às práticas de identificação e programas que estão sendo amplamente implementados em países de diferentes continentes.

Renzulli (1986), em seus estudos teóricos, prefere falar em desenvolvimento de comportamentos de superdotação em áreas específicas da aprendizagem e expressão humanas, ao invés de “superdotação” como uma forma de ser. Segundo essa visão, esta orientação tem permitido a muitos alunos oportunidades para desenvolverem altos níveis de realização criativa e produtiva que, de outra forma, teriam sido negadas pelos modelos tradicionais dos programas especiais.

Com isso, Renzulli (1986 apud VIRGOLIM 2007) coloca que o atendimento aos alunos fica sendo tarefa da escola, em estimular o desenvolvimento do talento criador e da inteligência, motivando todos os alunos e não só aqueles que “tiram” as melhores notas, sendo tarefa da escola, também, desenvolver comportamentos superdotados em todos aqueles que

têm potencial, assim como, nutrir o potencial da criança e desenvolver uma grande variedade de alternativas ou opções para atender as necessidades de todos os estudantes.

Percebe-se que a motivação está relacionada ao Modelo Triádico, uma vez que, nenhum dos três componentes: habilidade acima da média, envolvimento com a tarefa e criatividade, é mais importante que o outro e nem todos precisam estar presentes ao mesmo tempo, ou na mesma quantidade para que os comportamentos de superdotação se manifestem. Isso implica no processo de identificar uma criança através de suas habilidades, que com apenas um desses componentes, deve receber uma atenção especial e ser motivada a participar mais e deixar que os demais componentes se desenvolvam.

Renzulli (1986, 2002 apud ALENCAR 2007) destaca dois tipos de superdotação. O primeiro, definindo-o no contexto educacional e o segundo, o qual chama de criativa-produtiva. Considerando a importância dos dois e a relação entre eles, o primeiro define que seria apresentada por indivíduos que se destacam na escola, que aprendem rapidamente e apresentam um nível de compreensão mais elevado. Já o segundo tipo, a criativa-produtiva, diz respeito a aspectos da atividade humana na qual se valoriza o desenvolvimento de produtos originais.

Essas situações de aprendizagem planejadas para desenvolver a superdotação criativa-produtiva enfatizam o uso e aplicações da informação e processos de planejamento de uma maneira integrada, indutiva e orientada para problemas reais, diferenciando-se da superdotação de contexto educacional, que tende a enfatizar a aprendizagem dedutiva, o treino estruturado no desenvolvimento de processo de pensamento, aquisição, armazenamento e reprodução da informação.

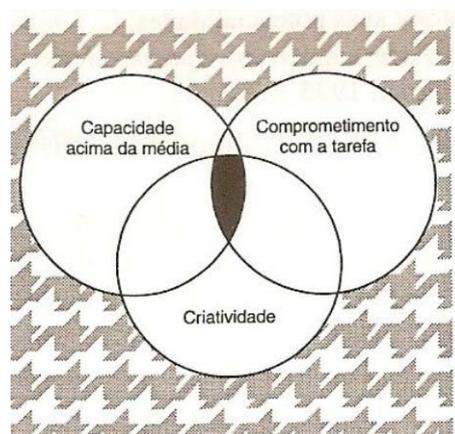
Renzulli (1986, 2002 apud ALENCAR 2007) mostra maior interesse pela superdotação criativa-produtiva, o qual se baseou em pesquisas sobre pessoas que se destacaram por suas realizações criativas, baseado nos seguintes componentes: habilidade acima da média, envolvimento com a tarefa e criatividade.

A habilidade acima da média é definida em duas outras habilidades, as gerais e as específicas. A primeira consiste na capacidade de gerar informações, integrar experiências que resultam em respostas adaptativas e apropriadas a novas situações e engajar em pensamento abstrato. A habilidade específica inclui a capacidade de adquirir conhecimento, destreza ou habilidades para realizar uma ou mais atividades de uma área especializada. Então, define a capacidade acima da média como um potencial elevado no desempenho em qualquer área em que se destaca.

O envolvimento com a tarefa constitui-se no componente motivacional e representaria a energia que o indivíduo canaliza para resolver um dado problema ou tarefa. Esse componente inclui atributos pessoais, como perseverança, dedicação, esforço, autoconfiança e a crença na própria habilidade de desenvolver um importante trabalho, ou seja, consiste na persistência e interesse que o sujeito apresenta em desenvolver uma atividade com motivação e empenho pessoal.

Em relação à criatividade, Renzulli chama a atenção para as limitações inerentes aos testes de criatividade, sugerindo uma análise dos produtos criativos da pessoa como preferível a uma análise de seu desempenho em testes de criatividade. O sujeito caracteriza-se pela capacidade em resolver problemas, e também pela originalidade e pensamentos divergentes que apresenta.

Ressalta-se que os três componentes não necessitam estar presentes ao mesmo tempo ou se manifestar com igual intensidade ao longo da vida produtiva. O importante é que esses componentes estejam interagindo em algum grau para que um alto nível de produtividade criativa possa emergir. É importante ressaltar que os três fatores estão envolvidos por uma rede que representa o processo e a intervenção do ambiente, em que o sujeito está inserido, que ajuda o superdotado a desenvolver os seus potenciais. Para que isso aconteça de forma harmônica, é fundamental o envolvimento da família, da escola e da sociedade. Assim, Renzulli define o modelo triádico:



(RENZULLI, 1986, p. 8)

Renzulli (1986) define o comportamento do superdotado ou talentoso:

[...] o comportamento superdotado consiste nos comportamentos que refletem uma interação entre três grupamentos básicos dos traços humanos – sendo esses grupamentos habilidades gerais e/ou específicas acima da média, elevados níveis de comprometimento com a tarefa e elevados níveis de criatividade. As crianças superdotadas e talentosas são aquelas que possuem ou são capazes de desenvolver esse conjunto de traços e que os aplicam a qualquer área potencialmente valiosa do desempenho humano. (RENZULLI 1986, p. 11/12)

Segundo Renzulli (1986), as pessoas superdotadas ou talentosas são identificadas por profissionais qualificados por apresentarem habilidades evidentes, como capacidade de alto desempenho e potencial para desenvolver esse conjunto de traços e usá-los em qualquer atuação e grupo social.

Na Política Nacional de Educação encontramos a definição de altas habilidades/superdotação.

Notável desempenho e elevadas potencialidades em qualquer dos seguintes aspectos isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento crítico ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para artes e capacidade psicomotora. (BRASIL, MEC/SEESP, 1994, p. 7).

Podemos considerar o conceito de altas habilidades/superdotação nas Diretrizes Gerais.

[...] altas habilidades referem-se a comportamentos observados e/ou relatados que confirmam a expressão de ‘traços consistentemente superiores’ em relação a uma média [...] em qualquer campo do saber ou do fazer. Deve-se entender por “traços” as formas consistentes, ou seja, aquelas que permanecem com frequência e duração no repertório dos comportamentos da pessoa, de forma a poderem ser registrados em épocas diferentes em situações semelhantes. (BRASIL, MEC/SEESP, 1995, p. 13).

Observa-se que na segunda definição, há uma ampliação das áreas, considerando habilidades mais amplas do conhecimento, isto é, não só a área do saber, mas também na área do fazer do aluno com altas habilidades/superdotação.

2.4 Conceitos de Motivação

A proposta de motivar o aluno com altas habilidades/superdotação para levá-lo a aprendizagem está relacionada a um processo que engloba dois tipos de motivação: intrínseca e a extrínseca. Que segundo Huertas (2001 apud KNÜPPE 2006) a motivação intrínseca

(elementos internos do sujeito) está relacionada ao interesse da própria atividade, que tem um fim em si mesma e não como meio para outras metas, a qual pode ser considerada como um sistema motivacional independente dos demais, que suporta um tipo concreto de antecipação de metas que se encontram reguladas intrinsecamente. Esta se fundamenta em três características: autodeterminação; competência e satisfação em fazer algo próprio. Já a extrínseca (elementos externos do sujeito) está relacionada às rotinas que vamos aprendendo ao longo de nossas vidas e é aquela que vem de fora, e está associada à matéria, a remuneração, ao ter.

Sendo assim, no processo de ensino-aprendizagem, a motivação deve estar presente em todos os momentos, pois em cada situação vivenciada, novos motivos podem ser construídos. Ressalta-se que para o aluno ter motivação em aula é importante ter um bom professor que é aquele que sabe motivá-lo, afirma Huertas (2001 apud KNÜPPE 2006) que toda motivação deve estar relacionada a metas e objetivos, os quais tornam este aluno motivado a aprender. Pois ele afirma que as metas e desejos são desencadeadores da conduta motivada e sem essa motivação não há aprendizagem.

Portanto, segundo Jesus (2008) o bom relacionamento entre educador e educando é fundamental, uma vez que, o professor deve incentivar seu aluno, manifestando seu entusiasmo pelas atividades que propõe, deixando claro o porquê e para que as está propondo. Motivá-lo também por meio dos interesses de cada aluno, dando-lhes a oportunidade de participar na escolha das matérias e tarefas escolares, de forma que o educando tenha um papel ativo na construção de seu próprio saber. É importante o professor reconhecer o progresso escolar dos alunos, levando-os a perceberem as melhorias e acreditarem nos seus desempenhos. É papel do professor ainda, ter confiança e otimismo no seu próprio trabalho e na capacidade do aluno. Assim, cada aluno sentir-se-á motivado para a aprendizagem.

Conforme essa colocação, define-se motivação:

É um processo que cada ser humano aprende de formas distintas, em virtude de suas relações interpessoais e intrapessoais. Desde a infância, as interações com outros seres humanos irão contribuir, mas não de forma determinista, à internalização dos motivos intrínsecos do indivíduo em sua diversidade, a menos que novos motivos extrínsecos possam revelar-se em renovados processos motivacionais internalizados. (SANTOS E ANTUNES 2007 apud SANTOS, STOBÄUS E MOSQUERA 2007,p.4).

Nesse sentido, os autores citados enfatizam que a motivação humana é vista como um processo de ativação e orientação da ação, ou seja, que o ser humano deve atuar e participar conscientemente de cada ação em sua vivência.

Para Murray (1986), os usos que uma pessoa der às suas capacidades humanas dependem da motivação própria (de seus desejos, carências, necessidades, ambições, amores, ódios e medos), ou seja, os conceitos motivacionais estão presentes nas ações realizadas pelas pessoas, umas mais incentivadas, outras menos, portanto essa ação é provocada por uma remuneração incentivadora.

Murray define motivação:

É claro que diferentes teóricos têm diferentes concepções sobre motivação. Não obstante, há acordo geral em que um motivo é um fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa. Não é diretamente observado, mas inferido do seu comportamento ou, simplesmente, parte-se do princípio de que existe a fim de explicar-se o seu comportamento. A motivação distingue-se de outros fatores que também influem no comportamento, tais como a experiência passada da pessoa, suas capacidades físicas e a situação ambiente em que se encontra, se bem que esses fatores possam influenciar a motivação. (MURRAY, 1986, p. 20)

Portanto, para que o aluno com altas habilidades/superdotação seja motivado de forma positiva no empreendimento e na continuidade da aprendizagem, o professor deve aliar-se a todas técnicas necessárias e recursos disponíveis, pois incentivar é despertar um motivo, como disse Kuethe (1978) *o sujeito tem que se sentir motivado*.

Sendo assim, é importante dizer que os alunos e professores ocupam um papel fundamental no processo de construção do conhecimento, e para isso é preciso trabalhar os fatores que definem essa interação, nesse sentido, deve-se ressaltar a importância das diferentes habilidades, pois pessoas com altas habilidades/superdotação geralmente se destacam por serem mais questionadoras, extremamente imaginativas, inventivas, investigativas e dispersivas, quando a tarefa não lhe interessa, não apreciando a rotina e tendo modos originais de abordar e resolver os problemas, e muitas vezes, têm baixo desempenho e falta de motivação.

Algumas escolas não oferecem condições para que o aluno consiga expressar seus valores, seus desejos, seu comportamento e seu modo de ver e perceber o que ocorre a sua volta. A sala de aula está representada por um universo de alunos singulares que necessitam de metodologias fundamentadas na diversidade. Têm-se muitos alunos e pontos de vistas diferentes, é preciso então buscar alternativas para atender a essa realidade.

Sendo assim, como motivar alunos com altas habilidades/superdotação e fazê-los achar interessante o que está sendo proposto? Fazer de cada lição um ponto de encontro, torna-se base para que a interação entre alunos e professores ocorra proporcionando a aprendizagem. As inteligências serão estimuladas a “aprender a aprender”. Aprender significa descobrir significados, estabelecer conexões, associar o que se ouve às experiências e emoções vividas. Por isso, é bom rever as práticas de ensino e relacioná-las ao conteúdo através de atividades escolares. É preciso buscar transformações, seja no modo de pensar ou de agir. Ao gostarem de nossa didática tornar-se-ão nossos companheiros na maneira de pensar, de refletir, de agir e de ser.

Na escola, frequentemente podemos encontrar alunos com altas habilidades em que muitas vezes não são identificados, assim seus interesses não são contemplados pelos currículos, portanto, há uma tendência à dispersão, a falta de rendimento escolar, apresentando um desempenho abaixo da média em algumas disciplinas. A freqüente falta de elementos que permitam a avaliação de suas habilidades faz com que eles sejam encaminhados aos serviços de orientações educacionais, já rotulados como dispersivos, com dificuldades de aprendizagem, hiperativos, com déficit de atenção ou desvios de comportamento.

Mas como tornar interessante e desafiante a aula? Não basta somente domínio de conteúdo, é essencial gostarmos do que fazemos e principalmente transmitir isso para os alunos, a fim de incentivá-los e motivá-los a buscar novos conhecimentos, com colegas e meios de comunicação, despertando a curiosidade e a vontade de descobrir mais sobre o que levamos para sala de aula. Eles não se sentem motivados quando só recebem informações, meros receptores e reprodutores do conhecimento, pois estes alunos com altas habilidades ou superdotação precisam de desafios e de atividades que contribuam para o seu desenvolvimento criativo e, acima de tudo, que os estimulem a construção de novos conhecimentos.

Murray (1967) diz que as diferenças de motivação podem explicar as diferenças de desempenho. Ele dá o exemplo de três jovens acadêmicos que apresentam inteligência e aptidão acadêmicas idênticas, mas um obtém notas altas, o segundo notas médias e o terceiro notas baixas. Portanto, define que esse resultado depende da motivação que cada um recebe de seus contextos sociais.

Murray (1967) diz que uma pessoa é motivada, em qualquer momento, por uma variedade de fatores internos e externos, isto é, a maneira como se vê no mundo é influenciada pela intensidade de cada motivo. Assim como acontece com os alunos em sala de aula. Esses são totalmente diferentes um dos outros e a motivação irá cativá-los ou não, conforme o momento. Obtendo-se assim, uma aprendizagem satisfatória para alguns e outros nem tanto.

Para tanto, o papel da motivação é fundamental numa sala de aula, para manter a atenção de alunos com altas habilidades/superdotação nas atividades e assim acontecer uma aprendizagem satisfatória. Conseqüentemente, os demais alunos que compõem a turma também terão um atendimento de qualidade. A atenção desses educandos é uma questão bastante complexa e vem sendo estudada por especialistas de diversas áreas da educação.

Portando, a motivação é um conjunto de padrões de ação que ativam o indivíduo a buscar suas próprias realizações pessoais, uma vez que, o processo motivacional pode estar relacionado a diversos fatores, como a busca pelo prazer ou a tentativa de evitar a dor, as necessidades sociais, a curiosidade, o gosto pela exploração, obter reconhecimento pelos demais, conquistar poder e o planejamento de metas na busca pela concretização. Tendo-se um aluno com altas habilidades/superdotação, é necessário que o professor considere tais afirmativas acima para que consiga sucesso na aprendizagem, porque, o nosso aluno é um ser que necessita ser motivado.

Para fins deste estudo utilizaremos o conceito de atenção que relaciona a questão da aprendizagem na sala de aula.

2.5 Conceito de Atenção

Em estudos recentes De-Nardin e Sordi (2006), referem que:

O conceito de atenção, situando-a além do ato de prestar atenção a tarefas, objetos ou situações externas. A atenção poderá ser então, um ato de encontro com experiências pré-simbólicas e de invenção de problemas. Sendo assim, a atenção poderá ser pensada não apenas como um processo único e homogêneo, mas como um movimento que se modula em diferentes fluxos e por isto pode mostrar-se funcionando de formas distintas. Da forma como se observam as atuações no espaço escolar, verifica-se que na sua maioria elas estão apoiadas numa perspectiva segundo a qual aprender associa-se a uma adaptação a um mundo pré-existente. É preciso *ensinar* às crianças tudo aquilo que lhes possibilita viverem adaptadas ao mundo onde estão inseridas. Resume-se a aprendizagem a uma transmissão de conhecimentos acumulados historicamente que indubitavelmente são importantes, mas não suficientes. A partir desse pressuposto, a atenção focalizada surge como condição fundamental para a aprendizagem: quanto maior o poder de manter o foco em determinado objeto, maiores as chances de sucesso infantil. (DE-NARDIN E SORDI 2006, p. 6).

No entanto, manter a atenção de alunos com altas habilidades/superdotação em sala de aula é um exercício que exige do professor dedicação e acima de tudo atividades interessantes e bem elaboradas, uma vez que esses requerem mais informações que os demais, apresentam

alto grau de curiosidade, boa memória, fazem perguntas bem elaboradas associando a outros conteúdos, utilizam a criatividade e imaginação, por apresentarem notável desempenho, capacidade intelectual superior, aptidão acadêmica específica, pensamento criador ou produtivo, capacidade de liderança, e/ou se destacarem em qualquer uma das inteligências definidas por Gardner. Assim, mantendo a atenção dos alunos em um determinado assunto, irá despertá-los para o querer saber mais sobre o assunto e também levá-los a contribuir com suas experiências e aprendizados.

Para Antunes (2001), o conhecimento é resultado das interações do indivíduo e suas bagagens hereditárias com o meio e sua diversidade de estímulos sociais e culturais. Diz ainda que os indivíduos não nascem com o cérebro “vazio”, pronto para os professores preenchê-lo, e sim que aprendem por meio de suas próprias ações sobre os objetos do mundo. Com isso, pode-se confirmar que somos mediadores da aprendizagem agindo pela estimulação, pela atração ao conteúdo e o despertar para aprendê-lo. Existem professores que estimulam as inteligências múltiplas do aluno a interagir com o meio, *desafiando-o* a perceber as inúmeras “leituras” possíveis.

Para Trevisol (2006), despertar atenção é acordar-se para tudo o que nos rodeia, pois em cada realidade há um significado, mesmo que incompleto, mas precisa ser decifrado em consonância com a realidade na qual estamos inseridos. Devemos ficar atentos, pois tudo possui uma ordem, e temos que percebê-la. Em tudo há uma intencionalidade, e devemos interpretá-la. Tornar-se consciente não é simplesmente uma tarefa, é uma vocação.

Essa visão nos faz entender que para compreender o mundo ao nosso redor basta prestar atenção aos pequenos detalhes e adaptá-los à realidade, e assim encontrar o real motivo daquilo que se busca e daquilo que se quer, ou seja, como professores, busca-se o sucesso e realização dos alunos. Portanto, é necessário motivá-los a entender tudo a sua volta, suas vidas, suas preocupações e seus ideais. Sabe-se que em uma única sala de aula as diferenças são muitas, principalmente quando há alunos com altas habilidades/superdotação. Então, precisa-se ser criativo, pois uma vez que os alunos se sentem desmotivados não terão o rendimento esperado.

2.5 Propostas que Atendam as Necessidades de Alunos com Altas Habilidades/Superdotação

Objetivou-se contribuir com essa pesquisa novas adequações metodológicas que atendam as necessidades de alunos com altas habilidades/superdotação. Para manter a

motivação e a atenção desses alunos em sala de aula, é preciso considerar que os mesmos podem apresentar falta de interesse ao que está sendo proposto, especialmente quando as suas necessidades não estão sendo atendidas em relação ao aprofundamento sobre determinados assuntos e a oportunidade de usarem sua capacidade criativa.

Elegem-se aqui algumas maneiras ou métodos para serem trabalhados de uma forma atrativa que ajude no ensino e aprendizagem. Portanto, buscou-se o Modelo de Enriquecimento Escolar, proposto por Joseph Renzulli. Um modelo que fornece alternativas de enriquecimento curricular que podem ser utilizadas não apenas em programas para alunos com altas habilidades/superdotação, mas também na sala de aula regular. Esse modelo visa um bom desempenho escolar, produção criativa, oferecendo assim oportunidades de aprendizagem significativa envolvendo a construção de conhecimentos pelos alunos.

Renzulli (1997 apud CHAGAS 2007) coloca que esse Modelo de Enriquecimento Escolar tem como objetivo tornar a escola um lugar em que os talentos sejam identificados e desenvolvidos. Sendo esse modelo bastante democrático, pode ser implementado sem requerer muitas mudanças na estrutura escolar. Para o criador dessa metodologia, é papel de toda a comunidade escolar o provimento de oportunidades, recursos e encorajamento para uma produção autônoma, criativa e relevante, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Renzulli defende em consonância com outros educadores, que é emergencial para todas as nações, independente do contexto social, que é preciso um maior investimento na identificação e no atendimento de pessoas que demonstrem habilidades superiores, a fim de que o potencial humano não seja desperdiçado.

Portanto, o Modelo de Enriquecimento Escolar valoriza a prática docente e as propostas pedagógicas em andamento na escola, integrando e expandindo os serviços educacionais. É um modelo que busca:

Desenvolver o talento potencial dos alunos de forma sistemática; oferecer um currículo diferenciado, no qual os interesses, estilos de aprendizagem e habilidades sejam prioritariamente considerados; estimular um desempenho acadêmico de excelência por meio de atividades enriquecedoras e significativas; promover o crescimento auto-orientado, contínuo e reflexivo por meio de atividades que estimulem a liderança e o pensamento criativo; criar um ambiente de aprendizagem propício ao ensino de valores éticos, que promovam o respeito à diversidade cultural, ética ou de gênero, o respeito mútuo e os princípios democráticos; implementar uma cultura colaborativa na escola, de maneira que direção, corpo docente e discente, outros membros da equipe escolar, família e comunidade possam contribuir para a promoção de oportunidades e tomada de decisão sobre atividades escolares, formando, assim, uma ampla rede de apoio social no desenvolvimento dos talentos; criar oportunidades e serviços que não são comumente desenvolvidos a partir do currículo regular da escola (RENZULLI 1997 apud CHAGAS 2007, p.57).

De acordo com Renzulli (1997 apud CHAGAS 2007) considerando esses passos, o Modelo de Enriquecimento Escolar deverá buscar algumas modificações possíveis da estrutura escolar em relação à grade horária e ao projeto político pedagógico, almejando um melhor aproveitamento da proposta. Uma das primeiras modificações é em relação ao consenso entre a equipe de direção e professores no desenvolvimento do modelo. Um segundo passo é o envolvimento de toda a comunidade escolar na discussão e no planejamento que serão inseridos na proposta pedagógica. É necessário estabelecer metas, prioridades e objetivos a serem alcançados e trabalhar na formação da equipe de professores para executar o planejamento estabelecido pela comunidade escolar.

Renzulli (1997 apud CHAGAS 2007) comenta que o Modelo de Enriquecimento Escolar é bastante flexível, viabilizando sua adaptação a qualquer realidade escolar e sua aplicação a qualquer série e modalidade de ensino, independente do contexto social, pois haverá o envolvimento dos professores, direção e comunidade escolar, na discussão da realidade e necessidades locais para o desenvolvimento da proposta. Enfim, não se trata de um pacote instrumental pronto e fechado, mas sim de um plano de organização a ser adaptado conforme as necessidades do professor e do aluno e as características do ambiente escolar.

Renzulli (1997 apud CHAGAS 2007) salienta duas estratégias propostas nesse modelo: o portfólio do talento total e o modelo triádico de enriquecimento, que podem ser adotados pela escola que aplicar o Modelo de Enriquecimento Escolar. O primeiro foi desenvolvido para identificar e maximizar o potencial de cada aluno. Valoriza-se o estilo de aprendizagem, interesses, expressões e produtos elaborados, ajudando tanto o aluno quanto o professor a tomar decisões a respeito de seu trabalho. Essa estratégia tem como foco ampliar a capacidade da escola na competência do educando autodirecionando e incrementando seu desenvolvimento acadêmico. A segunda estratégia sugere a implementação de atividades de enriquecimento de três tipos: a do tipo I, do tipo II e do tipo III.

As atividades do tipo I são experiências e exercícios exploratórios ou introdutórios que colocam o aluno em contato com uma ampla variedade de tópicos ou áreas de conhecimento, que não são contempladas no currículo escolar. Essas práticas devem ser planejadas a partir do interesse dos alunos, suas curiosidades e dúvidas, tornando-se fascinantes e atraentes, para que todos os alunos possam se desenvolver.

O segundo tipo envolve métodos, materiais e técnicas instrumentais que contribuem para o desenvolvimento de níveis superiores de pensamento (analisar, sintetizar e avaliar), de habilidades criativas e críticas, de habilidades de pesquisa, de liderança, de comunicação e desenvolvimento de um alto conceito positivo. O objetivo desse tipo de atividade é

desenvolver nos alunos habilidades de como fazer, de modo a instrumentá-los a investigar problemas reais usando metodologias adequadas à área de seus de conhecimento e interesses.

As atividades do tipo III visam a investigação, a produção de conhecimento novo na solução de problemas ou na apresentação de um produto ou serviço, cujos objetivos são desenvolver habilidades de planejamento, gerenciamento do tempo, avaliação e habilidades sociais de interação com especialistas, professores e colegas.

Portanto, as atividades do tipo I, II, e III encorajam a ação produtiva dos alunos, uma vez que, possibilitam diferentes ações baseadas em interesses e necessidades desenvolvidas por meio de diferentes estratégias, materiais e recursos. Ressalta-se que essas atividades não obedecem a um procedimento linear, ou seja, uma atividade pode vir desencadear outra. As atividades são planejadas conforme a dinâmica do processo de construção de novo conhecimento ou elaboração de um produto.

Outra metodologia que podemos associar ao Modelo de Enriquecimento Escolar é a defendida pelo autor Kuethe (1978), que lança o método da discussão, isto é, uma interação verbal bilateral entre professor e estudante evidencia a aprendizagem de conteúdos, uma vez que essa possui elementos que são importantes na motivação e na manutenção do interesse. O autor diz ainda que esse método é importante porque envolve a participação ativa dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem, em que podem expressar suas opiniões, mantendo sua atenção constante para atividades em sala de aula.

Segundo Kuethe (1978) a discussão pode surgir de várias atividades propostas. Filmes, passeios a campo, textos de jornais, etc., ou qualquer outro que seja interesse dos próprios alunos, isso se torna muito gratificante e motivador para a classe, pois essa iniciativa fortalece a tendência de encarar a escola como uma fonte de satisfação da sua curiosidade.

Portanto, têm-se aqui duas formas de se trabalhar com sucesso em sala de aula, não são as únicas, mas se encaradas com responsabilidade e dedicação podem implicar resultados satisfatórios ao ensino e aprendizagem de qualquer aluno.

3. CAMINHO INVESTIGATIVO

O presente artigo realizou-se em etapas, sendo que num primeiro momento foram feitas as leituras, a busca de teorias e de autores que dão suporte para a realização do mesmo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Para o melhor desenvolvimento buscou-se o suporte teórico

em relação ao conceito de inteligência e concepção de altas habilidades/superdotação e após, quanto à atenção, motivação e aprendizagem. Em segundo plano, tentou-se estabelecer relações teóricas entre motivação e Altas Habilidades e como isso se dá em sala de aula. Teve-se como objetivo geral a identificação dos fatores que contribuem para motivar o aluno com altas habilidades/superdotação a manter sua atenção e interesse na sala de aula. O trabalho centrou-se na perspectiva de contribuir com novas metodologias para o ensino e aprendizagem de alunos em geral, mas principalmente alunos com altas habilidades/superdotação. Muito ainda pode ser explorado, pois no campo da educação as maneiras e formas de se obter o aprendizado são infinitas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado podem-se fazer várias considerações acerca dessa proposta de pesquisa. Com o embasamento teórico, pode-se evidenciar que a motivação é fundamental para que ocorra o ensino e aprendizado do aluno em geral, assim como os que apresentam altas habilidades/superdotação em algumas das inteligências apresentadas por Gardner. Porém para que haja a motivação é muito importante que o aluno preste atenção em um foco. Cabe ao professor manter a atenção desse aluno, pois isso irá despertar o desejo que, intrinsecamente já existe, em aprender e adentrar em novos desafios e propostas estimulantes.

Assim considera-se de extrema importância que o planejamento metodológico do professor focalize metodologias e processos de avaliação que considere a diversidade de interesses e estilos de aprendizagem. Para tanto, apresentamos aqui nesse artigo o Modelo de Enriquecimento Escolar de Renzulli, que pode dar esse embasamento teórico ao professor, para que ele desenvolva no contexto educativo, estratégias que desencadeiam as potencialidades desses alunos. Nesse sentido o professor estará oportunizando e promovendo oportunidades de aprendizagem compatível com as habilidades, interesses e singularidades de aprendizagem.

Esse estudo sobre motivação torna-se importante para ser refletido e discutido em escolas, para o planejamento e desenvolvimento de um processo metodológico de ensino e aprendizagem em que professor e educando, a partir das interações cognitivas, afetivas e sociais constituídas em sala de aula, sintam-se motivados e gratificados nesse processo. Apontamos neste estudo, como estratégias metodológicas, o Modelo de Enriquecimento Escolar de Renzulli (1997) o qual, além de atender as necessidades do aluno com altas

habilidades/superdotação pode, ainda, identificar novos alunos que apresentam estes comportamentos.

Pressupomos que, o professor desenvolvendo essa metodologia estará proporcionando a seus alunos novas formas de aprendizagem, de motivação, de interesse, através de atividades bem elaboradas, tendo-se a participação assídua do aluno e suas contribuições, tornando a aula mais atrativa para ambos.

Portanto, a partir desse modelo, toda a comunidade escolar passará a ver o ensino e aprendizagem de diferentes formas, pois passará a encorajar seus alunos a desenvolverem seus potenciais através de um currículo diferenciado, em que seus interesses, estilos de aprendizagem e habilidades serão considerados no momento do planejamento das atividades.

Evidenciou-se que atenção e motivação são dois temas interdependentes no meio escolar, pois o aluno só prestará atenção no que lhe motivar. E isso torna a aprendizagem mais satisfatória tanto para ele como para o professor, já que a escola necessita também de motivação do educador ao convidar o seu aluno a participar das atividades e também no planejamento das mesmas, e isso pode ser feito por meio da aplicação do Modelo de Enriquecimento Escolar proposto por Renzulli (1997), que dá a comunidade escolar a oportunidade de todos participarem da elaboração das atividades.

Cabe ressaltar que a turma toda deve participar das atividades propostas, cada um com suas contribuições e vivências, acrescentando conhecimentos e minimizando desentendimentos e competições. Assim estaremos percorrendo um caminho positivo na busca da melhoria da educação como um todo e, também no que se refere às necessidades de alunos com altas habilidades, que, geralmente procuram uma aula com motivos de prazer e conhecimento superior ao que apresentam.

A pesquisa teve a intenção de apontar alguns aspectos sobre a importância da motivação e atenção para a aprendizagem de alunos com altas habilidades/superdotação. Portanto esperamos que, este tema tenha continuidade, pois muito pode ser acrescentado a esse estudo que é de fundamental importância à educação, aprender através da motivação e motivar através do que se aprende.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABSD (2000). **Altas Habilidades/Superdotação e talentos: manual de orientação para pais e professores.** Associação Brasileira para Superdotados. Seção RS. Porto Alegre: 2000.

ANTUNES, Celso. **A Dimensão de uma Mudança.** Ed. Papiro. São Paulo. 3ª edição, 2003.

ANTUNES, Celso. **Trabalhando Habilidades: Construindo idéias.** São Paulo. Ed. Sipione, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. **Secretária da Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial.** Brasília: MEC/SEESP, 1994.

BRASIL, Secretária de Educação Especial. **Diretrizes gerais para o atendimento educacional aos alunos portadores de altas habilidades: superdotação e talentos/ Ministério da Educação e do Desporto.** Brasil: MEC/SEESP, 1995. (Séries Diretrizes nº 10.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretária de Educação Especial. Documento subsidiário á política de inclusão.** Brasília: SEESP, 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional.** Lei 9394. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 1996.

BOGDAN, Roberto C., BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação.** Porto. Porto Editora, 1994.

DE-NARDIN, Maria Helena. Pedagoga e psicopedagoga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. SORDI, Regina. Psicóloga e psicopedagoga. Professora adjunta do Instituto de Psicologia e da Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. Artigo Monográfico: **Um estudo sobre as formas de atenção na sala de aula e suas implicações para a aprendizagem.** 2006. Disponível em: revistapsisoc@gmail.com

FLEITH, Denise de Souza (org.). **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação. Volume 1: Orientação a Professores.** Capítulo I: **Indivíduos com Altas Habilidades/Superdotação: Clarificando conceitos, Desfazendo Idéias Errôneas** (Eunice M. L. Soriano ALENCAR). Brasília, DF, 2007.

FLEITH, Denise de Souza (org.). **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação. Volume 2: Atividades de Estimulação de Alunos.** Capítulo 3: **Modelo de Enriquecimento Escolar** (Jane Farias CHAGAS). Brasília, DF, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.** Ed. Paz e Terra. São Paulo, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1992.

GARDNER, Howard. **Inteligência: múltiplas Perspectivas**. Ed. Artmed. Porto Alegre. 1998.

GERMANI, Larice Maria Bonato. **Características de Altas Habilidades/Superdotação e de Déficit de Atenção/Hiperatividade: Uma Contribuição à Família e à Escola**. 2006. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da PUCRS. Porto Alegre.

GERMANI Larice; COSTA Mara;VIEIRA Nara. **Política Pública Educacional para pessoas portadoras de Altas habilidades/Superdotação no Rio Grande do Sul: reflexões e novas perspectivas**. In FREITAS, Soraia (org).Educação e Altas habilidades/Superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas.Santa Maria: editora UFSM, 2006.

JESUS, Saul Neves de. **Estratégias para motivar os alunos**. (Artigo). Porto Alegre RS. Jan./abr. 2008.

KNÜPPE, Luciane. **Motivação e desmotivação: desafio para as professoras de Ensino Fundamental**. (Artigo). Editora UFPR. Curitiba. 2006.

KUETHE, James L. **O Processo Ensino-Aprendizagem**. Ed.Globo. Porto Alegre. 1978.

LUDKE, Menga. ANDRÊ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria e criatividade**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MURRAY, Edward J. **Motivação e emoção**. Editora Zamar Editores. R. J. 1967.

RENZULLI, J.; REIS, S. **The triad reader**. Connecticut: Creative Learning Press, 1986.

SANTOS, B. S.; STOBÄUS, C. D.; MOSQUERA, J. J.M. **Processos Motivacionais em Contextos Educativos**. (Artigo). Porto Alegre RS. Out./2007.

TREVISOL, Jorge. **O despertar da Atenção**. Ed. Maneco: Caxias do Sul, 2006.

TRIVIÑUS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIRGOLIM, Angela M. R. **Altas Habilidades/Superdotação: encorajando potenciais**. Brasília, DF, 2007.